



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES
PATRIMÔNIO CULTURAL**

CLEONICE TEREZINHA GONÇALVES DE MORAIS

**CONTRIBUIÇÕES DOS INDUSTRIAIS ALEMÃES IMIGRANTES À ECONOMIA
E À CULTURA DE PELOTAS**

**PELOTAS/RS
2014**

CLEONICE TEREZINHA GONÇALVES DE MORAIS

**CONTRIBUIÇÕES DOS INDUSTRIAIS ALEMÃES IMIGRANTES À ECONOMIA
E À CULTURA DE PELOTAS**

Monografia apresentada ao curso de
Especialização em Artes Visuais da
Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial para obtenção
de grau de especialista
em Patrimônio Cultural, sob orientação do
Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos.

PELOTAS/RS

2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos (orientador)

Profª Dra. Ana Lúcia Oliveira

Profª Dra. Carmen Regina Bauer Diniz

*Dedico este trabalho aos meus
pais: Olinto Lopes de Moraes e Maria
de Lourdes Gonçalves de Moraes (in
memoriam), pelo apoio, cuidado e
afeto.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus, ao professor Carlos Alberto Ávila Santos, por ter aceitado a tarefa de orientar-me, pela sua ajuda e dedicação. Às professoras Ana Lúcia Oliveira e Carmen Regina Dinís, por fazerem parte da banca.

Aos professores que contribuíram para a minha formação na Universidade Federal de Pelotas, no Curso de Pós-graduação. Às minhas colegas, que sempre estiveram ao meu lado, e a todos que me ajudaram nesta trajetória.

RESUMO

Este trabalho investiga três indústrias implantadas no espaço urbano da cidade de Pelotas, construídas no final do século XIX: a fábrica de velas, sabão e sabonetes *F. C. Lang*, de Frederico Carlos Lang; as Cervejarias *Carlos Ritter & Irmão*, de Carlos Ritter e *Sul Rio-Grandense*, de Leopoldo Haertel. O interesse pelo assunto partiu do Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais (TCC), modalidade Licenciatura, que buscou relevar a importância que os industriais de origem alemã, já mencionados, exerceram no desenvolvimento econômico e cultural de Pelotas através dos estabelecimentos fabris. A abordagem teórica do trabalho foi construída a partir da revisão bibliográfica, subdividida em: início da industrialização de Pelotas; o conceito de patrimônio histórico e industrial; a análise formal da estética arquitetônica das fábricas; e as benfeitorias realizadas pelos senhores estudados. A pesquisa bibliográfica constitui-se como proposta metodológica através da análise das fontes documentais, entre elas: livros, trabalhos acadêmicos, jornais antigos, manuscritos, encontrados na seção de obras raras da Biblioteca Pública Pelotense. A abordagem da pesquisa classifica-se como qualitativa, pelo exame dos dados através das fontes documentais.

Palavras-chave: Arquitetura. Indústrias. Patrimônio. Imigrantes alemães.

ABSTRACT

This paper aims at investigating three industries implanted in urban space in the city of Pelotas, built in the end of the 21st century: candle and soap factory *F. C. Lang*, belonging to Frederico Carlos Lang; Breweries *Carlos Ritter & Irmão*, belonging to Carlos Ritter; and *Sul Rio-Grandense*, belonging to Leopoldo Haertel. My interest started when I was writing my bachelor's degree final paper in the Visual Art course, which aimed at revealing the importance of these German individuals mentioned before through manufacture facilities. The theoretical approach of this study was carried out from bibliographic review subdivided into: beginning of industrialization in Pelotas; the concept of historical and industrial heritage; the formal analyses of esthetical architecture of the factories; and the benefits carried by these individuals studied. The bibliographic research was constituted as a methodological proposal through the analysis of the documental resources, such as: books, academic papers, old newspapers, manuscripts, found in the rare books section in the Public Library of Pelotas. The approach of the research is classified as qualitative, through data analysis in the documental sources.

Keywords: Architecture. Industries. Heritage. German immigrants.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -- Fábrica Lang.....	17
Figura 2 – Fábrica F. C. Lang & Cia.....	19
Figura 3 – Prédios da Fábrica Lang atualmente.....	20
Figura 4 – Fábrica de cerveja Carlos Ritter & Irmão.....	21
Figura 5 – Prédios que pertenceram a Cervejaria Ritter.....	22
Figura 6 – Cervejaria Sul Rio-Grandense.....	23
Figura 7 – O pátio interior da fábrica de Leopoldo Haertel.....	24
Figura 8 – As ruínas da antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense.....	24
Figura 9 – Fachada da antiga residência do Barão de São Luis.....	28
Figura 10- Palacete residencial de Adriano Rocha.....	29
Figura 11- Villa Capra ou Rotunda.....	30
Figura 12- Maison de plaisance (Villa).....	30
Figura 13- Vila Laura.....	31
Figura 14- Vila Augusta.....	32
Figura 15- Residência de Leopoldo Haertel.....	33
Figura 16- Igreja São João.....	36
Figura 17- Templo e residência do pastor.....	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – Os estabelecimentos fabris.....	13
1.1. As charqueadas e as indústrias.....	13
1.2. A Fábrica F. C. Lang & Cia.....	16
1.3. A Cervejaria Ritter.....	20
1.4. A Cervejaria Sul Rio-Grandense.....	22
CAPÍTULO II – O patrimônio edificado pelos teuto-brasileiros.....	25
2.1. O Conceito de Patrimônio.....	25
2.2. Aspectos formais das residências dos industriais teuto-brasileiros	28
2.2.1. A Vila Laura, da família Lang.....	31
2.2.2. A Vila Augusta, de Carlos Ritter.....	32
2.2.3. A residência de Leopoldo Haertel.....	33
2.3. Aspectos formais das fábricas dos industriais teuto-brasileiros.....	34
2.4. A Igreja São João.....	35
CAPÍTULO III – Contribuições culturais dos teuto-brasileiros à cidade de Pelotas	38
3.1. A imigração alemã.....	38
3.2. A cultura germânica.....	40
3.3. A educação germânica.....	42
CONCLUSÃO.....	44
BIBLIOGRAFIA E FONTES CONSULTADAS.....	46
REVISTAS E JORNAIS.....	47

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga a história dos proprietários de três indústrias implantadas no espaço urbano da cidade de Pelotas: a fábrica de velas, sabão e sabonetes *F. C. Lang*, de Frederico Carlos Lang, a *Cervejaria Ritter & Irmão*, de Carlos Ritter, e a *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, de Leopoldo Haertel, construídas no final do século XIX. O interesse pelo assunto partiu do Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais (TCC), modalidade Licenciatura, que buscou relevar a importância que os industriais teuto-brasileiros exerceram no desenvolvimento cultural de Pelotas, e a contribuição deixada por eles para o progresso econômico da cidade, através dos estabelecimentos fabris.

Foram escolhidos para esse trabalho os industriais: Frederico Carlos Lang, Carlos Ritter e Leopoldo Haertel, pelo fato de apresentarem vários pontos em comum em suas trajetórias de vida: o primeiro imigrou para o Brasil, os dois últimos são descendentes de alemães imigrantes. Os três fixaram residência em Pelotas e implantaram na área urbana a indústria de velas, sabão e sabonetes e as cervejarias. Foram industriais bem sucedidos, preocupados com a educação e a preservação da cultura germânica na cidade que adotaram, tendo contribuído para o desenvolvimento econômico e cultural de Pelotas no período estudado.

A investigação teve como objetivos específicos: 1- Analisar a história da cidade de Pelotas dentro do período estudado; 2- Verificar a relação das indústrias com o desenvolvimento econômico e cultural da cidade; 3- Estudar o conceito de patrimônio cultural; 4- Analisar as três fábricas, como exemplos do patrimônio industrial; 5- Identificar as moradias dos três industriais como exemplares do patrimônio cultural de Pelotas.

A pesquisa justifica-se pelo fato de que existem lacunas na bibliografia pesquisada sobre as fábricas estudadas, e pela sua importância por fazerem parte da história do município. São registros materiais da memória de um tempo áureo de desenvolvimento da cidade. A abordagem teórica do trabalho foi construída a partir de revisão bibliográfica sobre o tema referido, subdividida em: início da industrialização na cidade de Pelotas; o conceito de patrimônio histórico e industrial; a análise formal da estética arquitetônica das residências e das fábricas.

A pesquisa bibliográfica constitui-se como proposta metodológica, através de análises das fontes documentais, entre as quais: livros e catálogos, monografias,

dissertações e teses acadêmicas, e jornais antigos encontrados na seção de jornais e obras raras da Biblioteca Pública Pelotense, que discorreram sobre o tema. A abordagem da pesquisa foi classificada como qualitativa, devido à análise das fontes documentais.

No primeiro capítulo foi desenvolvido o tema da industrialização em Pelotas, com foco nas fábricas *F. C. Lang*, de Frederico Carlos Lang, a *Cervejaria Ritter & Irmão*, de Carlos Ritter, e a *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, de Leopoldo Haertel e discorreu sobre a vida dos três imigrantes no sul do Brasil. No segundo capítulo foi apresentado o conceito e a ampliação do termo patrimônio, e da conceituação de patrimônio industrial. Foram analisados os aspectos formais das três fábricas estudadas, como também das residências dos industriais, como exemplares do patrimônio edificado em Pelotas. No terceiro capítulo foi discorrido sobre a imigração alemã no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Pelotas, e as contribuições germânicas no campo da cultura e da economia pelotense.

CAPÍTULO I

Os estabelecimentos fabris

1.1. As charqueadas e as indústrias

Não há como falar do início da industrialização em Pelotas sem nomear a manufatura saladeiril, cujo apogeu de produção ocorreu entre os anos de 1860 e 1890. O núcleo charqueador pelotense decorreu de um amplo processo de modernização, ocasionado pela “concorrência platina, a proibição do tráfico negreiro e a inclusão das estâncias do norte da Província como fornecedoras de gado para o abate” (MAGALHÃES, 1993). A exportação do charque e de seus subprodutos enriqueceu em pouco espaço de tempo os proprietários das salgas pelotenses, decorrendo no desenvolvimento do comércio e dos estabelecimentos de serviços, contribuindo para a próspera economia do município. Esta época é definida como o período áureo da história da cidade, exemplificado pela opulência do casario edificado no espaço urbano, atualmente constitui-se parte do patrimônio cultural local (SANTOS, 2007).

Por volta de 1779-80, chegou ao já explorado “rincão de Pelotas”, José Pinto Martins, homem conhecedor do fabrico da carne no sertão cearense, por meio de um processo que garantia a longa conservação do produto: a salgação ou enxarque de carne (COSTA, 1922). José Pinto Martins criou na localidade a primeira manufatura de charque da região. A iniciativa estimulou a criação de outras charqueadas, que aproveitaram da principal riqueza do Rio Grande do Sul, o gado bovino. No período de apogeu da produção, situavam-se na margem direita do arroio Pelotas e no norte do canal São Gonçalo mais de trinta charqueadas contíguas (GUTIERREZ, 2011). O charque produzido nutria os escravos que trabalhavam nas lavouras de outras Províncias do Brasil – de café, na região central; de açúcar, na região nordeste – e de outros países, como Cuba e os Estados Unidos (OSÓRIO, 1962).

As charqueadas foram definidas por Fernando Luiz Osório (1962) como indústrias, pela quantidade de reses abatidas em todos os verões. Na verdade eram manufaturas complexas, nas quais eram curtidos os couros, salgadas as carnes,

extraídas as gorduras e queimados os ossos para fertilizantes. As atividades dos diferentes setores consumiam grande número de mão de obra escrava. A localização de Pelotas junto aos veios navegáveis – o arroio Pelotas, o canal São Gonçalo e a laguna dos Patos – permitiram a exportação do charque e de seus subprodutos através do porto de Rio Grande, e possibilitaram as importações das mais variadas mercadorias originadas dos países europeus, que eram distribuídas para as cidades do interior do Rio Grande do Sul através da navegação ou pela estrada de ferro, que ligou Bagé, Pelotas e Rio Grande no ano de 1884 (SANTOS, 2007).

As estâncias criadoras de gado e produtoras de “carne salgada” proporcionaram um grande desenvolvimento econômico da cidade de Pelotas e região durante o século XIX, promovendo um movimento de crescente urbanização e modernização trazidas da Europa. O acúmulo de capital proporcionado pelas charqueadas, trouxe a modernização da paisagem urbana, influenciados por tendências vindas da França e Inglaterra. A arquitetura luso-brasileira foi sendo substituída pelo “ecletismo histórico”. Os núcleos urbanos formados, vão sendo remodelados ao gosto europeu, com a reorganização de praças, a expansão do ensino particular, a fundação de clubes sociais, etc. (PEIXOTO e CERQUEIRA, 2006).

Com o impulso da economia, a paisagem urbana foi remodelada e adotaram-se os costumes burgueses, segundo o gosto europeu. Como são exemplos: a implantação das canalizações subterrâneas de água potável, que ligaram o reservatório de ferro fundido importado da Escócia, com os quatro chafarizes originados de metalúrgica francesa, instalados em pontos estratégicos do centro urbano entre 1873 e 1875 (XAVIER, 2006).

A cidade ascendeu como principal centro econômico da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, atraindo populações do interior da zona da campanha, de outras Províncias e de imigrantes europeus, que em Pelotas instalaram-se e criaram novos empreendimentos comerciais. A esse processo evolutivo associaram-se os imigrantes alemães e seus descendentes, foco de análise desse trabalho.

A energia elétrica foi instalada em Pelotas em 1915. Dois anos antes, em concorrência pública, foi escolhido o projeto da empresa *Buxton, Cassini & C*, de Buenos Aires, que contemplava a iluminação pública, os serviços de bondes elétricos e a força motriz para as indústrias do município. Fundou-se a *Empresa*

Light and Power Rio Grandense, que ergueu na Praça 20 de Setembro o pavilhão metálico assobradado da usina, embarcado em Hamburgo (SANTOS, 2007). A corrente elétrica foi disponibilizada ao serviço domiciliário no final do mês de julho, e aos estabelecimentos fabris em novembro do ano citado. Com a eletricidade, implantaram-se diferentes fábricas e incrementaram-se as existentes. Esses empreendimentos decorreram no surgimento de novas classes sociais, formadas pelos industriais e operários.

Grande parte das indústrias pelotenses da época foram edificadas junto ao porto, facilitando o recebimento de matérias primas e objetivando o escoamento da produção, através das embarcações que atracavam no local e da via férrea estendida até a área que se constituía como espaço fabril. O antigo núcleo charqueador formado na orla do canal São Gonçalo e do arroio Pelotas, deu lugar aos complexos industriais. De acordo com Alfredo da Costa, firmas importantes atuavam nessa época:

Em 1920 havia no município: 8 fabricas de preparar fumo, 11 de coroas de flores, 2 de refinar assucar, 2 de moveis, 2 de cerveja, 2 de chapéos, 4 de torrar e moer café, 38 cortumes, 6 de preparar xarque, 28 moinhos, 2 de massas alimentícias, 1 de fogos de artifício, 1 de tecidos, 2 estaleiros, 22 de conservas, 24 de obras de cerâmica, 10 de velas, sabão e sabonetes (...) (COSTA, 1922, pp. 73 e 81).

Na zona do porto funcionavam: a *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, estabelecida no ano de 1889; a *Companhia Fiação e Tecidos Pelotense*, fundada em 1910; o *Frigorífico Rio Grande*, inaugurado em de maio de 1920. Outras firmas, mais antigas, foram edificadas em grandes lotes de terrenos periféricos do centro da cidade, como a fábrica de sabão e velas *F. C. Lang & Cia*, fundada em 1864, e a *Cervejaria Ritter*, criada em 1870.

Segundo Sandra Pesavento (1983), há uma distinção significativa entre o trabalho artesanal e o industrial, entre a manufatura e a indústria. Muitas vezes, uma é confundida com a outra. De acordo com a autora, o que distinguiu a empresa fabril das antigas manufaturas foi a introdução da tecnologia resultante da modernização, que oportunizou a separação total do trabalho artesanal dos meios de produção, e propiciou maior produtividade, efetuada pelas modernas máquinas.

No caso do charque, o produto assumia por ora uma conotação de artigo “industrial”, por outra de “primário”. O charqueador se identificava como pecuarista, pertencente à classe mais representativa da sociedade gaúcha, associada, por vezes, ao poder político do Estado. Mas o mesmo charqueador também se intitulava

como “industrial da carne”, pois o charque, por ser o principal produto do Rio Grande do Sul na época, era classificado “como artigo industrializado”. Ao mesmo tempo, os charqueadores agrupavam-se em seu Sindicato, sem serem filiados ao “Centro da Indústria Fabril, entidade esta que congregava os industriais” (PESAVENTO, 1983).

Na produção artesanal, o trabalhador tem a posse de seus meios de produção, com os quais ele assegura o seu meio de vida. A manufatura surgiu como o ponto de partida da produção capitalista:

(...) a manufatura desenvolve-se dentro de uma técnica artesanal, baseada na habilidade e virtuosidade existente no trabalhador ao utilizar o seu instrumento. (...) o capitalista manufatureiro concentra em suas mãos os meios de produção, deixando o trabalhador direto sem condições de prover seus meios de subsistência (...). Em troca da realização de tarefas, o trabalhador será remunerado por um salário (...). A regra é que a manufatura tenda a concentrar grande número de trabalhadores num mesmo local, onde operários assalariados, trabalhando com ferramentas simples, produzam um mesmo tipo de mercadoria, sob o comando de um só capitalista (PESAVENTO, 1983, p. 16).

No caso da indústria, a introdução da máquina alterou o método de produção. A produtividade foi ampliada e a remuneração da força de trabalho foi reduzida, aumentando os lucros dos capitalistas (PESAVENTO, 1983).

1.2. A Fábrica *F. C. Lang & Cia*

Frederico Carlos Lang nasceu em 5 de dezembro de 1836, na localidade de Berschweiler, na Alemanha. O imigrante alemão veio para o Brasil em 1861 e trabalhou, primeiramente, no comércio da cidade de Rio Grande. Transferiu-se para Pelotas, onde se empregou na fábrica de sabão de Luiz Eggers, conterrâneo seu. Depois de algum tempo, comprou o estabelecimento de Eggers, situado na “Costa”, que, posteriormente, abrigou a charqueada de João Mendonça Moreira. Fundou oficialmente a fábrica *F. C. Lang & Cia* no dia 20 de setembro de 1864 (Revista do 1º centenário de Pelotas, 1912).

A empresa iniciou suas atividades com a fabricação de sabão comum e velas de sebo, aproveitando a matéria-prima fornecida pelas charqueadas, com apenas dois funcionários. Pelo fato de não haver iluminação elétrica na época, a vela era uma mercadoria bastante consumida pelo mercado. Devido à boa qualidade da produção e, com o aumento da procura dos produtos, Lang ampliou a fábrica, e para isso foi obrigado a comprar a chácara de João Cirer, situada na estrada da

Costa (atualmente Avenida Domingos de Almeida), em terreno próximo ao arroio Pepino. A transação foi realizada no ano de 1870 e a indústria foi instalada no lugar (Revista do 1º centenário de Pelotas, 1912) (Figura 1).



Figura 1: Fábrica Lang. Na imagem à esquerda: A primeira sede da Fábrica *F. C. Lang & Cia.* Na imagem à direita: Mudança da razão social para *F. C. LANG S/A IND. COM.*, no ano de 1922. **Fonte:** Acervo da Biblioteca Pública de Pelotas.

A empresa situava-se estrategicamente entre a Tablada, local de comercialização do gado originado das fazendas de criação formadas nos campos de Jaguarão e de Bagé, e as manufaturas de salga, com acesso fácil às charqueadas através da Estrada da Costa do Pelotas. A Localização era importante, posto que a fabricação das velas de sebo e de sabão utilizava das partes sebáceas dos ossos, da cabeça e das extremidades dos membros dos bichos abatidos nas salgas, obtidas pela fervura dessas partes em grandes caldeiras (GUTIERREZ e SANTOS, 2013). No ano de 1878, Frederico Carlos Lang viajou para a Europa levando consigo seus filhos para que tivessem uma educação técnica aprimorada. No ano seguinte de 1879, a firma passou a produzir sabão perfumado e sabonetes.

Em 1885, retornou da Europa seu filho Frederico Carlos Lang Filho, que após estagiar em Hamburgo engajou-se na empresa da família. Em 31 de dezembro de 1898, o fundador retirou-se da firma, passando-a para seus filhos Frederico Carlos Lang e José Ernesto Augusto Lang (CUNHA, 1911). Em 1903, Ernesto Lang foi para a Europa onde estudou o fabrico da stearina¹; também comprou o necessário maquinismo para esse tipo de fabricação de velas, montado em Pelotas no decorrer do ano de 1904. Em 1905, a fábrica iniciou a produção regular do produto.

¹ Velas de cera.

Em 1910, a firma funcionava com 100 operários de ambos os sexos, tendo grandes resultados no processo de industrialização e diversificação dos produtos, com as velas de sebo e de estearina, óleos, sabonetes e sabão perfumado (CURCIO, Daniela et al, 2001, apud Oliveira, 2002). Em 1911, o empreendimento fabril foi equipado com modernos geradores próprios, que produziram luz elétrica para todo o bairro da Luz e geraram força motriz para a fábrica.

Em 31 de dezembro de 1921, Ernesto Lang retirou-se da firma, quando assumiu a direção da empresa seu irmão Frederico Carlos Lang Filho, conhecido como Carlitos, que se manteve na gerência do estabelecimento até seu falecimento, no ano de 1935. Com a morte de Carlitos, ocupou a administração da firma o neto do fundador, também chamado Frederico Carlos Lang, juntamente com seu irmão gêmeo Hugo Carlos Lang e o cunhado, Fernando Gilberto Vianna (DIÁRIO POPULAR, 1990, p. 10).

Durante a sua existência, a *F. C. Lang & Cia* recebeu prêmios nacionais e internacionais. Já conhecida, a firma havia sido premiada no Rio de Janeiro, em Paris e em Chicago (DIÁRIO POPULAR, 16 jan. 1901, p. 2). Na Grande Exposição Estadual de 1901, realizada em Porto Alegre, os produtos da fábrica apresentaram “belo atestado da nossa indústria, manufacturados a capricho”. O “mostrador” em que estavam expostos era um trabalho de “arte e paciência feito à cera”, inclusive as colunas que lhe serviam de apoio. A coleção de sabonetes, sabão, velas de sebo e cera, óleos e outros era variada e “brilhante”. Na mostra de Porto Alegre, a *F. C. Lang & Cia* recebeu medalha de ouro pelas velas de “cebo”, e medalha de prata pelos sabonetes de “toilette” e sabão comum (Ibid. entre 26 abr. e 5 jun. 1901).

O evento seguiu o costume dos países industrializados europeus na realização das Grandes Exposições Universais, nas quais as nações participantes expunham suas novas invenções e tecnologias aplicadas à produção industrial. A mostra de Porto Alegre realizada nos campos da Redenção, que inaugurou o novo século, teve a participação de expositores de várias cidades gaúchas. Os participantes pelotenses foram reunidos em um único pavilhão, erguido especialmente para a cidade. O evento foi aberto ao público no dia 24 de fevereiro (DIÁRIO POPULAR, 24 fev. 1901, p. 2) e se prolongou até o dia 4 de junho (Ibid, 4 jun. 1901, p. 1).

Inicialmente isolada em arrabalde, a *F. C. Lang & Cia* foi alcançada e envolvida pelas construções de diferentes prédios que constituíram o bairro da Luz (CUNHA, 1911). O complexo fabril compreendia uma série de edifícios com vários pavimentos, e um conjunto de galpões térreos, dos quais se destacavam as chaminés da indústria. A empresa foi fechada no ano de 1994 (OLIVEIRA et al, 2002), restando na área as antigas construções fabris. Atualmente, parte dos pavilhões da fábrica foi destruída para a construção de prédios residenciais, mas permanecem ainda no local alguns edifícios e uma das chaminés da antiga indústria (Figura 2). Porém, a história da *F. C. Lang & Cia* não pode ser esquecida, pois faz parte da memória da sociedade local, de um tempo áureo de prosperidade de Pelotas. Do estabelecimento industrial ficaram apenas as ruínas, testemunhos materiais da atividade fabril na cidade, que outrora foi muito rica e uma das mais significativas do Estado.

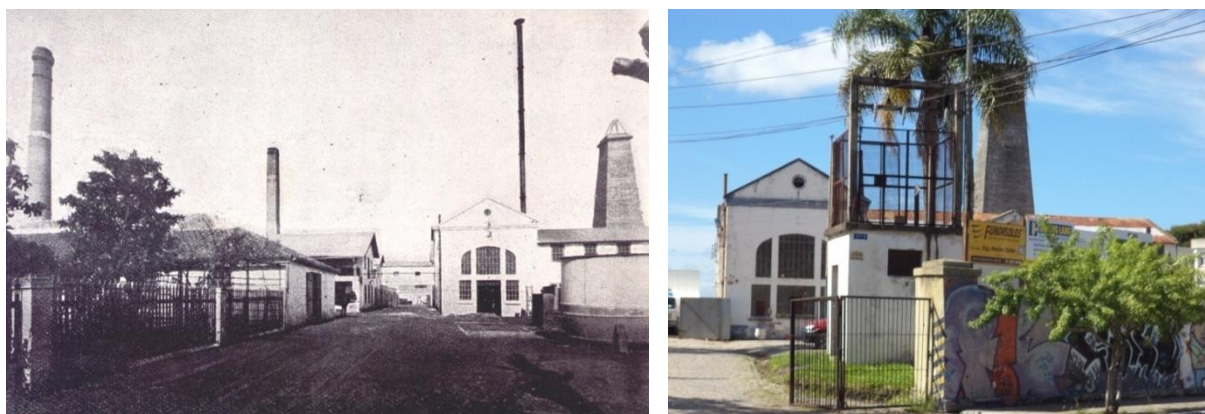


Figura 2: Fábrica F. C. Lang & Cia. Na imagem à esquerda: Foto tirada por volta de 1922. **Fonte:** COSTA, Alfredo da. **O Rio Grande do Sul:** completo estudo sobre o estado. 1922, p.88. Na imagem à direita: Ruínas da fábrica. **Fonte:** Foto da autora, 2013.

Atualmente, restam poucos prédios da antiga fábrica, que passaram a pertencer ao IFSUL. No local estão sendo construídos novos prédios para abrigar os cursos da Instituição Federal. Pode-se ver nas fotos abaixo (Figura 3), os prédios que ainda foram preservados e uma das chaminés, a outra foi quase totalmente destruída. Foi realizado no ano de 2002, um dossiê intitulado: “A chaminé, a fábrica e as moradas de Frederico Carlos Lang” a pedido da procuradoria do Estado do RS, com o intuito de verificar o valor histórico da chaminé da Fábrica *F. C. Lang & Cia*. O estudo foi coordenado pela professora Ana Lúcia Oliveira, com a colaboração da professora Ester Gutierrez e da acadêmica Ana Paula Zechlinski, com consultoria

técnica de Cristina Rozisky e do especialista em conservação Cassiano Matos. A investigação resultou num relato aprofundado sobre a historiografia da fábrica e sobre o patrimônio deixado por Frederico Carlos e sua esposa Margarida Luiza.



Figura 3: Prédios da Fábrica Lang atualmente. Na imagem à esquerda: o antigo prédio que não foi destruído, ao fundo um bloco em construção destinado a abrigar a Instituição Federal. Na imagem à direita: construção preservada, e os modernos edifícios ao fundo. **Fonte:** Fotos da autora, 2014.

1.3. A Cervejaria Ritter

Carlos Ritter, filho de imigrantes alemães, nasceu em São Leopoldo no dia 21 de janeiro de 1851. Transferiu-se para Pelotas e, em 1870, em proporção modesta fundou na cidade a *Cervejaria Ritter*, instalada na Rua 24 de Outubro, atual Rua Tiradentes, sobre a margem esquerda do arroio Santa Bárbara, “em um casebre situado no interior de um terreno tomado por aluguel a Procópio Gomes de Oliveira” (Almanach de Pelotas, 1913, p. 101). Mais tarde, com o desenvolvimento da fábrica, Ritter transferiu a firma para outro local, situado à Praça Floriano Peixoto, atual Praça Cipriano Barcellos, junto à ponte do antigo arroio Santa Bárbara, sob os números 102 e 104. O prédio ocupou grande lote de terreno com aproveitamento do subsolo, onde foram cavados os porões. O edifício assobradado, com telhados sobrepostos, em duas águas, continha na fachada principal doze aberturas (Ibid). Nos fundos do lote se elevava a chaminé (Figura 4).



Figura 4: Fábrica de Cerveja Carlos Ritter & Irmão. **Fonte:** COSTA, Alfredo R. da. O Rio Grande do Sul. 1922, p. 84.

O irmão de Carlos Ritter, Frederico Jacob Ritter, associou-se à fábrica no ano de 1884, depois de voltar da Alemanha onde aprendeu o fabrico teórico e prático da cerveja. Dessa união, surgiu a premiada firma *Carlos Ritter & Irmão*, que também investiu no lucrativo negócio de colonização da Serra dos Tapes, fundando nos arredores de Pelotas as colônias Santa Rita, Visconde da Graça e Ritter, todas formadas por imigrantes alemães. Em 1898, com a intenção de aperfeiçoar a produção e o beneficiamento da cerveja, a empresa começou a produzir gelo. A fábrica criou as cervejas: “Pelotense” (branca, preta ou escura), “Pilsen”, “Ritter Brau Preta” e “Maerzen” (ANJOS, 2000, p. 98).

Foi o único estabelecimento na época, no Brasil, a preparar o malte nacional, com instalações apropriadas. Dispôs de um excelente laboratório químico, atendido por um engenheiro-ervejeiro, formado em academia alemã. Produziu, na virada do século, “4.5 milhões de garrafas por ano” (PEIXOTO e CERQUEIRA, 2006, p. 5). A empresa figurou nas principais exposições nacionais e internacionais, obtendo medalhas de ouro, prata e um Grande Prêmio (Almanach de Pelotas, 1913, p. 103). Além de cerveja, a fábrica *Ritter* produziu as gasosas “Popular” e “Siffon”, e a água mineral “Celeste” (COSTA, 1922).

No mês de fevereiro, dias antes da abertura da Exposição Estadual de 1901, o *Diário Popular* publicou lista de remessa de vários produtos pelotenses enviados através do porto fluvial de Pelotas para a mostra da capital; entre estes figuravam doze volumes pertencentes à firma de Carlos Ritter, que continham garrafas de cerveja de seu estabelecimento, e uma “delicadíssima” coleção de pássaros

empalhados² (Diário Popular, 3 fev. 1901, p. 2). Em junho os jornais divulgaram as premiações com medalhas de ouro, de prata ou de bronze entregues aos expositores. Entre os participantes de Pelotas, premiada com medalha de ouro estava a empresa *Carlos Ritter & Irmão*, pela sua cerveja da marca “Ritter-Braü”, preta e branca, “systema” Baviera (Ibid. 5 jun. 1901).

Atualmente, o que restou da antiga fábrica são dois prédios que receberam novos usos, transformados em espaços comerciais. No da esquina das ruas Marechal Floriano Peixoto com Santos Dumont, funciona uma loja de telefones celulares. O bloco foi pintado em dois tons de verde, para chamar a atenção da empresa e, talvez, com o intuito de salientar detalhes da fachada. As cores chamativas não passam despercebidas pelos transeuntes. No prédio verde, supostamente funcionaram os escritórios da fábrica. Pela Rua Santos Dumont, à direita, a antiga construção fabril hoje está ocupada por um centro comercial, pintado na cor vermelha. (Figura 5) Como se vê no detalhe da fachada, na foto abaixo, a decoração de estuque preserva as iniciais do nome do fundador da empresa, Carlos Ritter.



Figura 5: Prédios que pertenceram a Cervejaria Ritter. Na imagem à esquerda, vista total dos prédios. Na imagem à direita, detalhe da fachada. **Fonte:** Fotos da autora, 2014.

1.4. A Cervejaria Sul Rio-Grandense

O Capitão Leopoldo Haertel, nascido em Porto Alegre, era descendente de família de imigrantes alemães que se instalou na região de São Leopoldo. Em 1889 transferiu-se para Pelotas, onde fundou a *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, situada na

² Esses “pássaros empalhados” faziam parte da coleção de Carlos Ritter que era taxidermista. Essa coleção deu origem ao atual Museu Carlos Ritter, pertencente à Universidade Federal de Pelotas.

zona portuária da cidade, no quarteirão formado pelas ruas Benjamin Constant, Conde de Porto Alegre, José do Patrocínio e João Pessoa.

A fábrica funcionou, originalmente, na Rua Conde de Porto Alegre, nº44, num pequeno prédio tomado em aluguel. Depois, foi estabelecida na Rua Benjamin Constant, nº 51, “em um sobrado com oito aberturas de frente” (Almanach de Pelotas, 1913, p. 105). A indústria de Leopoldo Haertel fabricava as cervejas “Peru”, “Porco” e “São Luiz”. Também produzia águas gasosas de “syphon” e gelo (Almanach de Pelotas, 1913, p. 104). A sua localização próxima ao porto da cidade facilitou a exportação de muitos desses produtos. Na Grande Exposição Estadual de 1901, a *Cervejaria Sul Rio-Grandense* foi premiada com medalha de bronze, pela fabricação da cerveja “Culmbacher”. Em 1911, esta empresa alcançou a produção de “6 milhões de garrafas por ano, além de gelo e gasosas, empregando 250 operários” (PEIXOTO e CERQUEIRA, 2006. p. 5).

A residência, o escritório e a fábrica de cervejas de Leopoldo Haertel foram construídos no entorno de um pátio central, com acesso pela Rua Benjamin Constant (Figura 6). Foram erguidos dois prédios de porte médio; um servia como escritório da firma, na esquina do quarteirão; o outro como moradia do proprietário, no meio da quadra. Esses dois prédios apresentavam peculiaridades do ecletismo historicista arquitetônico: o porão alto; as decorações de estuque das fachadas; as platibandas vazadas e ornamentadas, que escondiam as calhas e as coberturas com telhas de barro (SANTOS, 2007).

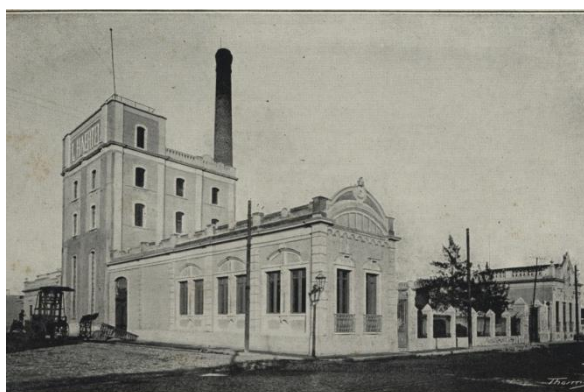


Figura 6: Cervejaria Sul Rio-Grandense. Na imagem à esquerda, escritório da empresa e a fábrica ao fundo. Na imagem à direita, residência da família do industrial. **Fonte:** Acervo de Guilherme Pinto.

No pátio interior da fábrica eram descarregados os materiais utilizados na produção das bebidas. (Figura 7) Ao fundo da imagem vê-se parte da fachada lateral

do prédio residencial. Note-se, nas duas antigas fotografias (Figura 6), que os elementos ornamentais ecléticos se manifestam também nos frontispícios das construções fabris: frontões, pilastras e cornijas, platibandas e lambrequins.



Figura 7: O pátio interior da fábrica de Leopoldo Haertel. **Fonte:** Acervo de Guilherme Pinto.

Em abril de 1913, as notícias dos jornais publicaram a importação pela *Bromberg & Cia* pelotense, “do solido auto para a condução de gelo encomendado pelo Capitão Leopoldo Haertel”. As paredes internas do caminhão eram todas “perfeitamente isoladas de modo a concentrar a maior força do gelo construído”. O veículo dispunha da força de “21 cavallos” (DIÁRIO POPULAR, 20 abr. 1913, p. 1).

Atualmente, todas as edificações estão arruinadas e pertencem à Universidade Federal de Pelotas. Existe um projeto para transformá-las em centro cultural. Trabalhos de restauração estão sendo desenvolvidos no módulo utilizado outrora como escritório da fábrica (Figura 8).



Figura 8: As ruínas da antiga *Cervejaria Sul Rio-Grandense*. Na imagem à esquerda: O prédio que está sendo revitalizado. Na imagem à direita: Detalhe da fachada. **Fonte:** Fotos da autora, 2014.

CAPÍTULO II

O patrimônio edificado pelos teuto-brasileiros

2.1. O Conceito de Patrimônio

No dicionário da língua portuguesa (FERREIRA, 2000), o termo “patrimônio” é definido como: herança paterna, bens de família, riqueza, os bens materiais de uma pessoa ou empresa. Conforme a pesquisadora francesa Françoise Choay (2006), o conceito de “patrimônio” foi ampliado com a Revolução Francesa. Preocupado com o arruinamento dos edifícios que constituíam a riqueza arquitetônica da França, o novo governo republicano proibiu por lei as ações de vandalismo sobre os prédios da aristocracia e da Igreja, dado que atentavam contra os monumentos da nação. Reconhecidos como exemplares patrimoniais, as antigas construções da nobreza e do clero foram protegidas legalmente das depredações e dos incêndios causados pelos fanáticos militantes revolucionários. Como também os bens artísticos encontrados nos interiores desses prédios, que passaram à tutela do governo, e foram reunidos no Museu dos Monumentos Franceses, criado em 1795, seis anos após a Queda da Bastilha (CHADYCH, 2012).

Segundo Françoise Choay, o patrimônio de uma comunidade, ou de uma nação, se ampliou a dimensões planetárias:

Constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos. Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, “patrimônio histórico” tornou-se uma das palavras-chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e a uma mentalidade (CHOAY, 2006, p. 11).

O termo monumento, utilizado para tratar os bens arquitetônicos que apresentam valores históricos e estéticos, e que constituem o patrimônio de uma determinada cultura, foi utilizado pelo austríaco Aloïs Riegl na obra “El culto moderno a los monumentos”, publicada em 1903. Riegl dividiu os monumentos em intencionados e não-intencionados (RIEGL, 1987). Os primeiros são aqueles que, desde sua origem, foram projetados para durar o máximo de tempo possível. Ou seja, para alcançar maior longevidade. São eles: os túmulos e os templos. Segundo

o autor, os monumentos funerários relacionam-se com a memória, são suportes materiais que presentificam a ausência de alguém que já existiu, mas que não mais existe. Enquanto o túmulo permanecer, os descendentes podem voltar, a cada dia dos mortos, e chorar pelo ente querido. Assim ocorre com os templos; enquanto o edifício permanecer, persistirá a religião. Dado que, é no entorno ou no interior dos templos que se desenvolvem os cultos às divindades. Sendo assim, enquanto se mantiverem em pé, os edifícios religiosos perpetuam as crenças.

Para o teórico austríaco, os monumentos não-intencionados são os outros tipos de edifícios erguidos pelo homem que, na sua essência, não tinham a intenção de durabilidade. Como por exemplo, as moradias ou as construções fabris analisadas nesse trabalho. Riegl explicitou que os prédios residenciais não tinham a intenção da durabilidade dos monumentos intencionados. Dado que foram erguidos para acolher uma família por algumas gerações, como as habitações ecléticas pelotenses. Assim aconteceu com as indústrias analisadas, erguidas para cumprir a função de gerar produtos demandados pela sociedade local. Para Riegl, somos nós, homens modernos que – pelos materiais e técnicas empregadas nessas construções, pelo estilo arquitetônico que materializam esses prédios, peculiares a uma determinada época e a um lugar específico – reconhecemos os valores estéticos e históricos desses edifícios. Dessa maneira, intencionados ou não, todos ascenderam à condição de monumento, de patrimônio cultural.

Ao longo do século XX, o conceito de patrimônio se ampliou. Na Europa, as destruições causadas pelos bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial foram determinantes para a consolidação dos bens patrimoniais, como algo comum a todas as nações. A sociedade europeia clamou pelo resguardo dos monumentos do Velho Mundo. Com a globalização, o conceito de cultura também foi dilatado, não mais restrito à erudição, mas sim relativo aos valores que se articulam com os aspectos simbólicos, com os conceitos imateriais, com as funções intangíveis, englobando os mais diversos aspectos das práticas sociais. Essas questões subverteram a condição de uma herança cultural retilínea transmitida às novas gerações. Surgiu a ideia de culturas múltiplas e o reconhecimento da pluralidade de identidades (CALDAS, 2013). Recentemente, ascenderam à condição de patrimônio os queijos de Minas Gerais, o frevo de Pernambuco, os doces de Pelotas. São bens imateriais, transmitidos das gerações mais antigas às mais novas por meio da comunicação oral.

No início do século XXI, o tombamento do patrimônio industrial foi recomendado pela Carta da cidade russa de Nizhny Tagil, no ano de 2003³. É uma prática recente em relação a outras formas de cultura, e a proteção legal deve considerar sua natureza específica:

Ela deve ser capaz de proteger as fábricas e as suas máquinas, os seus elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, os complexos e os conjuntos de edifícios, assim como as paisagens industriais. As áreas de resíduos industriais, assim como as ruínas, devem ser protegidas, tanto pelo seu potencial arqueológico como pelo seu valor ecológico. A conservação do patrimônio industrial depende da preservação da sua integridade funcional, e as intervenções realizadas num sítio industrial devem, tanto quanto possível, visar a manutenção desta integridade. O valor e a autenticidade de um sítio industrial podem ser fortemente reduzidos se a maquinaria ou componentes essenciais forem retirados, ou se os elementos secundários, que fazem parte do conjunto, forem destruídos (Carta de Nizhny Tagil, 2003).

Sendo assim, entendem-se como patrimônio industrial os vestígios materiais remanescentes das fábricas, que evidenciam valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Englobam as oficinas, as minas, os locais de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram as atividades sociais relacionadas com as indústrias, tais como: habitações, locais de culto ou de educação (Carta de Nizhny Tagil, 2003). No Brasil, pesquisas sobre o patrimônio industrial multiplicaram-se nos últimos anos, e o primeiro tombamento de um espaço fabril, em nível federal, ocorreu em 1964. Trata-se do conjunto da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, em São Paulo (KÜHL, 2009).

A Carta sobre o Patrimônio Industrial é um importante documento para instruir a preservação das indústrias pesquisadas nesta monografia, para que elas não sejam totalmente destruídas. Dado que, as fábricas pertencentes aos teuto-brasileiros: Carlos Ritter, Leopoldo Haertel e Frederico Carlos Lang, mesmo em ruínas ou, em parte, descaracterizadas, fazem parte da memória e da história de Pelotas.

³ Carta aprovada pelos delegados reunidos na Assembleia Geral do TICCIH (Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial), de caráter trienal, que se realizou em Nizhny Tagil em 17 de julho de 2003. Foi posteriormente apresentada no ICOMOS, para ratificação eventual e aprovação definitiva pela UNESCO.

2.2. Aspectos formais das residências dos industriais teuto-brasileiros

O ecletismo historicista foi introduzido na arquitetura de Pelotas na década de 1870, pelos construtores italianos imigrantes que atuaram na cidade na época (SANTOS, 2007). Santos definiu dois momentos para a estética arquitetônica eclética pelotense: de “consolidação” e de “desenvolvimento” do estilo. O primeiro contou com a mão de obra escrava. As fachadas das edificações erguidas nesse período inicial buscaram o equilíbrio simétrico, apresentaram programas tripartidos no sentido vertical: o porão alto, a fachada propriamente dita, com um ou dois pavimentos, e o arremate feito pelas platibandas. No sentido horizontal, as composições apresentam três módulos, destacados através das saliências ou das reentrâncias dessas fragmentações dos frontispícios, ou ainda, pelas pilastras que ritmam as composições. A divisão tripartida e o equilíbrio simétrico são reforçados pelos frontões que arrematam os módulos centrais. Os programas compositivos seguiram o gosto italiano identificado pelos capitéis das ordens clássicas greco-romanas, pelos frontões triangulares, pelas estátuas moldadas em massa de cimento ou em faiança, que remetem à Antiguidade.

Em Pelotas, temos como exemplo da arquitetura eclética, a residência do Barão de São Luis. (Figura 9) Este prédio, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), hoje pertence à Secretaria Municipal de Cultura (SECULT) e destina-se a exposições de arte e de manifestações culturais.

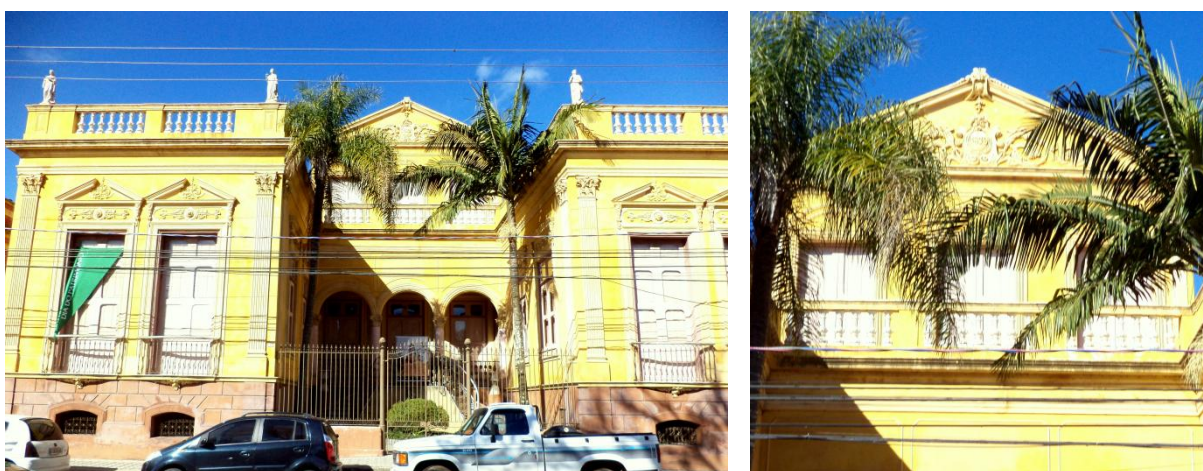


Figura 9: Fachada da antiga residência do Barão de São Luis. Na imagem à esquerda: Fachada da casa. Na imagem à direita: Detalhe do frontão. **Fonte:** Fotos da autora, 2014

O segundo momento do ecletismo pelotense, denominado como de “desenvolvimento” da corrente arquitetônica, ocorreu entre os anos de 1890 e 1931. Contou com a mão de obra assalariada e especializada. Neste período, as fachadas perderam o equilíbrio simétrico, com o acréscimo de novos módulos à composição dos frontispícios. Temos como exemplo em Pelotas, o palacete residencial do comerciante Adriano Rocha, situado na Rua General Osório. (Figura 10) Atualmente, funciona no local a Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes.

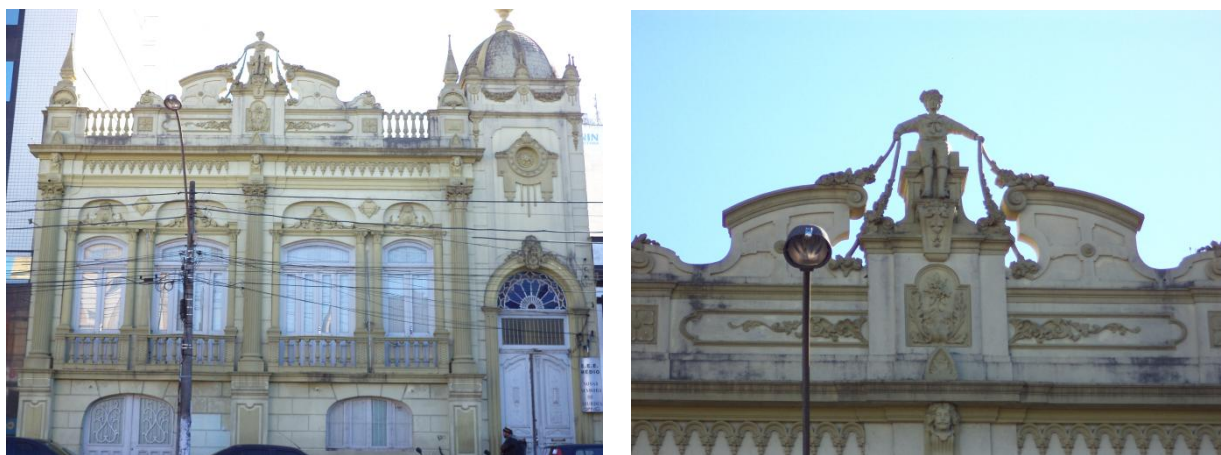


Figura 10: Palacete residencial de Adriano Rocha. Na imagem à esquerda: Visão geral da fachada do prédio. Na imagem à direita: Detalhe da fachada. **Fonte:** Fotos da autora, 2014

Surgiram nesse estágio eclético as vilas urbanas. O termo “vila” identifica as construções residenciais da arquitetura romana clássica, elevadas no entorno das cidades e situadas no centro de grandes parques ou jardins pitorescos. Na Roma antiga destacou-se a vila do imperador Adriano, edificada próxima à cidade de Tívoli, que ainda hoje causa admiração aos visitantes pelo suntuoso conjunto arquitetônico com jardins, lagos e pórticos (CAVALCANTI, 1968). As vilas multiplicaram-se no maneirismo italiano, como a Vila Capra ou Rotunda, (Figura 11) erguida próxima de Vicenza pelo arquiteto Andrea Palladio (PICHEL, 1966).



Figura 11: Villa Capra ou Rotunda. Na imagem à esquerda: Vista frontal. Na imagem à direita: Vista lateral do prédio. **Fonte:** Disponível: culturetrips.wordpress.com/italy/vicenza, acesso em 31/07/14.

Na França, os termos *maison de plaisance* correspondem à denominação de “villa” e identificam mansões residenciais com as mesmas características daquelas italianas (Figura 12), porém edificadas durante o período rococó, no século XVIII (CAVALCANTI, 1978).



Figura 12: Maison de plaisance (Villa). Na imagem à esquerda: *Château de Champs*. **Fonte:** Disponível em: www.atthalin.fr/louvre/histoire_art/modernes18. Na imagem à direita: *Hotel Biron – Museu Rodin*. **Fonte:** titeparisienne.over-blog.net. Acesso em 16/08/2014.

Em Pelotas, as vilas residenciais foram construídas afastadas do centro da cidade, para moradia dos industriais, erguidas no centro de grandes lotes de terrenos organizados em jardins. Normalmente, se constituíram em sobrados, nos quais o pavimento térreo era ocupado por áreas sociais e de serviços, e o andar superior conformava uma área íntima dividida em dormitórios e banheiros (SANTOS, 2007).

2.2.1. A Vila Laura, da família Lang

Frederico Carlos Lang habitou em residência simples localizada na Rua Gonçalves Chaves, próxima da fábrica. A Vila Laura foi projetada em 1925, para a neta do fabricante pioneiro (OLIVEIRA et al, 2002), erguida em lote de esquina de quarteirão formado pelas ruas Gonçalves Chaves e Antônio dos Anjos. (Figura 13) O sobrado foi edificado no centro do terreno arranjado em um formoso jardim. O telhado pontiagudo é composto por telhas francesas, recortado em várias águas, que na época, segundo Nestor Goulart Reis Filho, remetia à mecanização e à civilização desenvolvida na Europa (REIS FILHO, 1987).



Figura 13: Vila Laura. Na imagem à esquerda: A fachada da residência. Na imagem à direita: Detalhe da fachada com a imitação do enxaimel. **Fonte:** Fotos da autora, 2013.

As quatro diferentes fachadas exibem elementos ornamentais de estuque, que imitam a técnica construtiva medieval denominada de enxaimel. Desenvolvidas no norte da França e na Alemanha, as construções em enxaimel utilizavam esteios de madeira inseridos nas paredes de alvenaria de tijolos, auxiliando no equilíbrio das caixas murais. Um corpo saliente se desenvolve na fachada principal e abriga janelas, definido como *bay windows* pelos ingleses. Tanto o telhado em múltiplas águas, a *bay windows*, como a imitação do enxaimel remetem à origem germânica da família que habitou a moradia (SANTOS, 2007). Atualmente, a construção apresenta bom estado de conservação e ainda pertence à família Lang. A antiga vila residencial está alugada para uma escola de línguas estrangeiras.

2.2.2. A Vila Augusta, de Carlos Ritter

A Vila Augusta foi edificada entre os anos de 1908 e 1913, erguida no bairro Fragata para residência da família de Carlos Ritter (SANTOS, 2007). A caixa mural do prédio remete aos edifícios italianos do período maneirista. (Figura 14) Como, por exemplo: a construção realizada no centro de um amplo jardim; a composição tripartida da fachada; as colunas *palladianas* do pórtico de entrada; o balcão com balaustres, que dialoga com a platibanda adornada com frontão, que apresenta curvas e contracurvas; os corpos salientes que abrigam as janelas encimadas por frontões triangulares. Apaixonado por botânica, o proprietário organizou um amplo jardim no terreno fronteiro à vila residencial, que era aberto ao público durante os verões para as sociabilidades e prazer dos visitantes (SANTOS, 2007). Na década de 1880, na área arborizada, funcionou o Clube Germânia. Hoje, a antiga Vila Augusta pertence à UFPel e abriga parte da Faculdade de Medicina.



Figura 14: Vila Augusta. Na imagem à esquerda: Fachada da residência. Na imagem à direita: Vista lateral da residência. **Fonte:** Fotos da autora, 2013.

Ritter foi um naturalista autodidata e contribuiu para a arborização da Avenida 20 de Setembro (atual Duque de Caxias), com uma plantação de eucaliptos. Grande colecionador, o industrial elaborou curiosos mosaicos feitos de insetos, os quais retratavam pontos turísticos da cidade de Pelotas. Dedicou-se à História Natural de forma dinâmica para a época, conquistando reconhecimento através de sua fabulosa coleção de aves, hoje preservada em sua totalidade, demonstrou ser um excelente taxidermista. Com a morte de Carlos Ritter no dia 11 de outubro de 1926, aos 75 anos de idade, sua esposa doou à Escola de Agronomia

sua coleção particular de espécimes zoológicos. Atualmente, esses objetos fazem parte do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, da Universidade Federal de Pelotas.

2.2.3. A residência de Leopoldo Haertel

A moradia de Leopoldo Haertel, como já foi pontuado, foi construída no bairro do porto, com acesso pela Rua Benjamin Constant. A construção ocupou a área oposta ao escritório da firma. Os dois prédios guardam afastamentos entre si, por meio do pátio que dá acesso a cervejaria, fechado por muro de alvenaria e gradis de ferro. A fachada apresentava peculiaridades do período de consolidação da estética eclética em Pelotas: a simetria, a divisão tripartida do frontispício, o porão alto, as decorações de estuque, a platibanda ornamentada, o frontão triangular, as compoteiras que enfeitam a platibanda. Cornijas desenvolvem-se no sentido horizontal, reforçando os limites entre a fachada propriamente dita e a platibanda. Pilastras com capitéis coríntios reforçam a divisão da composição em três módulos. Quatro portas-sacada abrem-se para os balcões, com guarda-corpos de ferro (Figura 15).

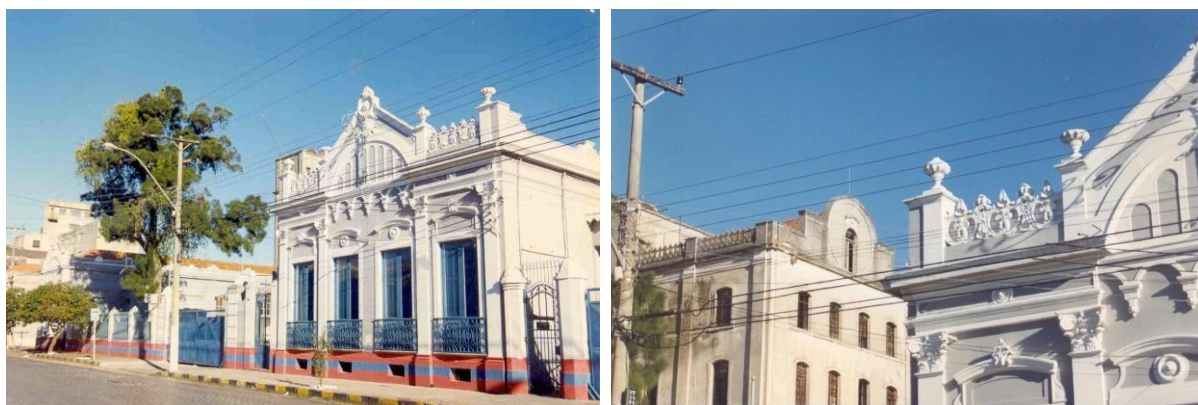


Figura 15: Residência de Leopoldo Haertel. Na imagem à esquerda: Fachada da residência. Na imagem à direita: Detalhe dos ornamentos da fachada. **Fonte:** Fotos de Beto Santos, 1997.

As peculiaridades que apresentam as edificações residenciais dos três industriais alemães – nas técnicas construtivas, nos materiais empregados e no estilo historicista eclético explorado – são próprias de um tempo passado e abrigaram vultos importantes da elite pelotense da época. Por esse motivo, são exemplares arquitetônicos que evidenciam valores estéticos e históricos,

reconhecidos pela comunidade pelotense atual. A fábrica e a residência de Leopoldo Haertel estão arruinadas, mas esses valores ainda estão presentes na Vila Laura e na Vila Augusta. Por esse motivo, as duas residências são exemplos de bens materiais que integram o patrimônio arquitetônico de Pelotas.

2.3. Aspectos formais das fábricas dos industriais teuto-brasileiros

O complexo fabril da *F. C. Lang & Cia* era circundado por alto muro de alvenaria voltado para a atual Rua Gonçalves Chaves, onde se elevava um pórtico fechado por portão de ferro, e por muros mais baixos que conjugavam a alvenaria de tijolos e gradis de ferro, em outras áreas. (Figuras 1 e 2) Prédios maiores, cujas caixas murais quadrangulares ou retangulares se elevavam a dois ou quatro pavimentos, circundados por uma quantidade de galpões térreos. Os telhados em duas águas eram cobertos por telhas francesas. Os vãos variavam em tamanho e forma, alguns fechados por grandes vidraças com vergas em arcos plenos. Despojadas de ornamentações, as construções cumpriam a função projetada. Diferentes chaminés se projetavam sobre o conjunto edificado.

O edifício da *Cervejaria Ritter & Irmão* foi erguido no limite fronteiro do lote de terreno. Harmonizando com o estilo eclético desenvolvido na arquitetura da cidade, a fachada apresentava equilíbrio simétrico e porão alto, era dividida em dois pavimentos. No alto do frontispício, dois frontões triangulares reforçavam a simetria da composição, e intercalavam a platibanda ornamentada. Na esquina do quarteirão, o prédio térreo eclético funcionava como escritório. (Figura 4) A fachada apresentava equilíbrio simétrico, mas a composição não utilizou os característicos e altos porões. Geralmente, as casas comerciais não adotaram esse elemento, facilitando a circulação dos fregueses e o transporte de mercadorias (SANTOS, 2007).

Os vãos intercalam portas e janelas, encimadas por elementos ornamentais de estuque. Pilastras com capitéis das ordens clássicas se inserem entre as aberturas e dão ritmo à composição. A platibanda vazada e preenchida por balaústres apresenta frontões recortados em curvas e contracurvas. Pela rua lateral, as aberturas são coroadas por bandeiras de ferro preenchidas com vidros coloridos.

Note-se que, algumas aberturas foram eliminadas, fechadas em interferências posteriores. Outras foram substituídas por grande vão e portão, para a entrada de veículos. O que nos levou a acreditar que o prédio da esquina, mais antigo, tenha sido anexado e reformado para uso da firma.

O conjunto edificado da *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, de Leopoldo Haertel, foi o que explorou maior número de elementos ornamentais ecléticos. Ocupando todo um quarteirão, as edificações da moradia, do escritório e da fábrica propriamente dita foram distribuídas no entorno do pátio central. (Figuras 6 e 7), organizadas de maneira a compor a ordenação tripartida explorada nas fachadas dos prédios historicistas da cidade. A construção fabril apresenta platibandas vazadas preenchidas com elementos decorativos. Os vãos são emoldurados por enquadramentos de estuque. Pilastras seccionam e dão ritmo aos segmentos do frontispício. Arremata uma das fachadas um frontão circular, incomum no ecletismo praticado na arquitetura eclética da cidade.

Atualmente, a construção fabril ainda se mantém bastante arruinada. Os prédios do escritório e da casa do proprietário da firma desapareceram. Hoje, as ruínas do conjunto arquitetônico da *Cervejaria Sul Rio-Grandense* estão localizadas na 3ª Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPCs), Sítio do Porto, regulamentada pela Lei Municipal nº 4568/2000.

2.4. A Igreja São João

Não poderíamos deixar de destacar ainda a Igreja São João, erguida em 1928 na esquina das atuais ruas Dr. Amarante e XV de Novembro, em diagonal ao Parque Antônio Zatera. Com a imigração alemã, introduziu-se na região a crença e os templos edificados pela Comunidade Evangélica, da Igreja Protestante de Martim Lutero. Segundo Henkes, Maculan e Peres (2002), no ano de 1888, imigrantes alemães fundaram a Comunidade Evangélica de Pelotas. Em julho de 1916, a comunidade adquiriu o terreno fronteiro a então Praça Júlio de Castilhos, com o objetivo de edificar a sua sede religiosa. Porém, somente em agosto de 1927 lançou-se a pedra fundamental da obra, finalizada no ano seguinte.

Como ocorreu em muitos prédios religiosos erguidos na época, nas comunidades católicas ou protestantes das cidades da zona da campanha gaúcha

(SANTOS, 2007), o edifício apresenta características da linguagem românica medieval: a utilização de pedras nas superfícies murais; a torre sineira com vãos em arcos plenos, que apresenta elementos verticalizados e se destaca na fachada principal; o telhado aquilino em duas águas; as grandes janelas envidraçadas, que se distribuem nas paredes laterais da nave única da Igreja; a porta de entrada encimada por arco de meia circunferência, que conforma o tímpano do pórtico. Essas peculiaridades associam à construção ao período de “desenvolvimento” do ecletismo pelotense, no qual se manifestaram influências germânicas, francesas e inglesas, que se somaram ao gosto italiano predominante no período de “consolidação” do historicismo da arquitetura pelotense. Tanto na Europa, como no Brasil, a linguagem eclética utilizou as tendências denominadas de “neo-renascimento”, “neo-barroco” e “neo-românico”. (Figura 16)



Figura 16: Igreja São João. Na imagem à esquerda: Vista frontal da igreja. Na imagem à direita: Vista lateral. **Fonte:** Fotos da autora, 2014.

A construção da Igreja São João foi de responsabilidade da firma *Ernesto Lang e Cia* (HENKES, MACULAN e PERES, 2002). Provavelmente, pelo nome da construtora, a empresa era de propriedade do filho de José Ernesto Augusto Lang, neto do imigrante alemão Frederico Carlos Lang. Ao lado da Igreja, se destaca a moradia do pastor da Comunidade Evangélica que, como na residência da família Lang, empregou os telhados pontiagudos recortados em várias águas, e a técnica do enxaimel na construção das paredes, elementos simbolicamente relacionados

com a origem germânica do construtor e da Comunidade religiosa. Desta maneira, tanto o templo como a residência do pastor (Figura 17) são legados dos imigrantes para o patrimônio cultural de Pelotas.



Figura 17: Templo e residência do pastor. Na imagem à esquerda: Vista das duas edificações. Na imagem à direita: Vista da frente da casa. **Fonte:** Fotos da autora, 2014.

CAPÍTULO III

Contribuições culturais dos teuto-brasileiros à cidade de Pelotas

3.1. A imigração alemã

A vinda dos imigrantes alemães para o Brasil foi ocasionada por vários fatores, entre eles; a crise econômica europeia durante o século XIX, a diminuição do tráfico de escravos através da Legislação Brasileira e da Abolição da Escravatura, em 1888. Esses fatores implicaram na necessidade de uma quantidade maior de mão de obra para o trabalho agrícola. Por outro lado, a vinda da família real para o Brasil, que de colônia lusitana ascendeu à condição de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (LOPES, 1988), levou à abertura dos portos às nações amigas e à imigração europeia para este país.

No Rio Grande do Sul, os primeiros imigrantes alemães chegaram em 25 de julho de 1824, na recém-formada Colônia de São Leopoldo, em terras da extinta Feitoria do Linho Cânhamo, de propriedade da Coroa Portuguesa⁴. Esses imigrantes, que vieram para o sul do Brasil, deram grande contribuição à implantação de um novo modelo agrícola, “o da pequena propriedade familiar”. No espaço urbano, na condição de artesãos, foram responsáveis pela implantação de setores como: a metalurgia, a indústria coureiro-calçadista, entre outros. Trouxeram consigo a tradição escolar, que fez do Estado o mais alfabetizado da Federação (DREHER, 2008, p. 04).

Segundo Anjos (2000), a imigração no Brasil serviu a dois propósitos diferenciados:

O primeiro, de iniciativa particular, estimulado pelo Governo, visava prover de braços o trabalho agrícola ameaçado pela diminuição de mão-de-obra escrava, especialmente a partir de 1850, com a lei de proibição do tráfico negreiro (...) atendia aos apelos da tese racista de necessidade do branqueamento da população (...). O segundo propósito, de iniciativa oficial, buscava, através da formação de colônias de imigrantes estabelecidos em pequenas propriedades, o incremento da produção de gêneros agrícolas para o consumo interno, o preenchimento dos vazios demográficos estratégicos e a formação da futura classe operária (ANJOS, 2000, p. 63).

⁴ Neste local era produzido, através de mão de obra escrava, o linho-cânhamo. Do caule dessa planta era extraída uma fibra muito resistente, com a qual eram produzidas cordas muito utilizadas nos navios (DREHER, 2008, p. 6)

A partir de 28 de outubro de 1848, com a Lei Imperial nº. 514, as Províncias passaram a ter co-participação no processo imigratório, o que deu novo impulso à colonização do território nacional. Tal lei determinou que o “Governo Imperial concedesse a cada Província trinta e seis léguas de terras devolutas para fins exclusivos de colonização” (ANJOS, 2000). Segundo Roche (1969), foi o próprio governo brasileiro que introduziu essa colonização, atraindo os imigrantes através de várias vantagens divulgadas na Europa. Era do interesse do Imperador D. Pedro II, o povoamento e a exploração de novas regiões do Brasil, através de brancos não-portugueses.

Em 1824, a Alemanha não existia como Estado, só foi no Brasil que os imigrantes passaram a ser chamados “alemães”. Estes vieram de vários territórios independentes, que mais tarde, a partir de 1871, e após a Guerra Franco-Prussiana, foram unificados constituindo a nação denominada como Alemanha. Assim, os primeiros embarques de imigrantes para o Brasil partiram de diferentes locais germânicos. Os primeiros navios não estavam preparados para o transporte humano. Foi em 1842, que Bremen criou legislação para normas mínimas de transporte de passageiros (DREHER, 2008).

O tratamento dispensado aos colonos imigrantes não era dos melhores, a questão da alimentação era problemática e os casos de morte na travessia do Oceano Atlântico não eram raros. Durante as viagens surgiam casos de tifo, de cólera, de crupe e de outras epidemias, devido à aglomeração de pessoas no interior dos navios e à insalubridade das embarcações. As condições dos portos brasileiros também não eram boas, os passageiros desciam por escadas de cordas e eram embarcados em pequenos botes, já em terra eram encaminhados para a “Casa dos Imigrantes”, onde cumpriam um período de quarentena (DREHER, 2008).

No Rio Grande do Sul, as primeiras colônias implantadas para os imigrantes alemães, que na sua maioria eram agricultores, foram criadas pelo Império a partir da data já pontuada de 1824. No ano de 1850, essas iniciativas passaram a ser efetuadas pelo governo provincial e por particulares. Em sua estrutura básica, ocorriam por meio de penetrações na floresta subtropical e se conformavam nas denominadas picadas onde eram assentadas as famílias. Os diferentes lotes de terreno guardavam uma distância média de 300 metros. As propriedades inicialmente possuíam 75 hectares. A partir do ano de 1850 passaram a medir 50 hectares. E, após a data de 1870, eram destinados 25 hectares a cada família.

Nessas picadas surgiram centros de vida comunitária, como cemitérios, escolas, capelas e armazéns (Ibid).

3.2. A cultura germânica

Segundo Grützmann (2008), os alemães atuaram na área do comércio e em diversas outras atividades, desde o ensino da língua estrangeira ao jornalismo, às atividades em óticas e em farmácias, aos hotéis e à fabricação de fumo, de cervejas, de velas, sabão e sabonetes. Por um lado, esses imigrantes estrangeiros e seus descendentes tiveram que adaptar as suas vidas e os seus costumes em relação à alimentação, à moradia, ao vestuário e ao idioma local, decorrentes do novo meio geográfico no qual se inseriram, dos produtos culinários e dos materiais disponíveis para a construção em arquitetura ou nas lavouras. Por outro, também influenciaram a cultura local. Com seu modo de viver, suas crenças, comidas, cantigas e danças fizeram do Rio Grande do Sul um estado à parte da nação, posto que o legado deixado por esta cultura estrangeira foi incorporado à vida diária dos gaúchos atuais

A indústria da cerveja, em especial, foi um ramo característico dos teuto-brasileiros, que trouxeram o “hábito de beber este artigo de sua pátria de origem”. No início, a produção da cerveja era artesanal, desenvolvida na zona colonial de São Leopoldo. A cevada era cultivada pelos próprios colonos, as sementes eram fornecidas pelo governo provincial. A fabricação caseira da cerveja expandiu-se, devido ao alto custo do produto importado. Inicialmente a produção atendia à demanda local. Com o passar do tempo, foi aperfeiçoada, passando de manufatura para indústria. (PESAVENTO, 1983).

Os vários dialetos trazidos pelos imigrantes foram aos poucos se transformando, com o contato com o povo gaúcho, pois o idioma alemão não possuía palavras para designar os aspectos da região brasileira:

(...) a aquisição e formação deste novo léxico visavam preencher as lacunas existentes no idioma de origem em relação às especificidades existentes na nova terra (...). A língua padrão foi uma das categorias de identificação e de diferenciação dos imigrantes e de seus descendentes no contexto de outros grupos étnicos (...) acionada por diferentes segmentos envolvidos com a política de preservação da germanidade durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX (GRÜTZMANN, 2008. p. 26).

Os imigrantes alemães trouxeram consigo distintas técnicas construtivas e traços arquitetônicos diferenciados, que tiveram que ser adaptados aos materiais

aqui existentes, às variações locais e à imposição do meio geográfico. A primeira moradia dos imigrantes foi a choupana feita com material retirado da mata:

Este rancho era construído a partir de caibros que sustentavam uma cobertura em geral feita de ramos de palmito ou outro material disponível na localidade. A esta choupana primitiva sucedeu o rancho de pau-a-pique erigido a partir de uma estrutura formada de quatro estacas sobre a qual se colocava um vigamento amarrado com cipós, coberto, por sua vez, com ramos, folhas ou mesmo capim (...). Em localidades de madeira abundante e de serrarias próximas, os imigrantes e seus descendentes construíram o casebre de madeira de tábuas serradas, coberto com telhado de tabuinhas (...). À medida que as colônias se desenvolviam e os colonos prosperavam, as choupanas e as casas de madeira deram lugar a casas mais sólidas, amplas e confortáveis. Uma das modalidades consistia na casa em enxaimel (...), de telhado simétrico ou assimétrico, com madeiramento aparente, inicialmente construída com paredes de taipa e, posteriormente, de pedra, tijolos e cimento, coberta com um telhado de madeira, zinco ou telha (GRÜTZMANN, 2008, p.28).

Em relação ao vestuário e à alimentação, outras adaptações foram realizadas. Em vez das roupas pesadas de lã e de linho, os estrangeiros tiveram que optar por tecidos mais leves como o brim, a chita e o morim, adotando para as lidas diárias do campo o uso do chapéu de palha, chinelos e tamancos. Na nova terra, agregaram novos hábitos alimentares e aprenderam a cultivar e consumir o milho, a mandioca, a abóbora, a batata-doce, além do charque, do churrasco, da aguardente e do chimarrão. Mas também inseriram pratos e bebidas estranhas à região, como a cerveja, as cucas com frutas cristalizadas, o schmier ou chimia/geleia, o chucrute e a linguiça (Ibid).

Outro aspecto importante trazido pelos estrangeiros germânicos foi a preocupação com a educação dos filhos:

A tradição escolar alemã recebeu forte incremento no século XVI, a partir da Reforma, com a insistência de Lutero e de Melanchthon junto às municipalidades e governos territoriais para que criassem e mantivessem escolas. Desde o século XVII haveria obrigatoriedade de frequência escolar nos territórios da Prússia, depois imitada pelos demais territórios alemães. Não raro, padres e pastores assumiam, por determinação governamental, a função de inspetores de ensino. A partir da tradição criada nos territórios de origem, é compreensível que as comunidades humanas que se estabeleciam nas picadas alemãs no Rio Grande do Sul criassem e mantivessem escolas. Surgiram, assim, escolas comunitárias que tiveram franco desenvolvimento até a instalação do governo de Getúlio Vargas (1930-1945) (...). As escolas comunitárias constituíam-se nas picadas como sociedades escolares com diretoria própria, responsável pela contratação de professor, estabelecimento de conteúdos programáticos, construção e manutenção de prédios (DREHER, 2008, p. 42).

Na metade sul do Rio Grande do Sul, imigrantes alemães foram assentados na Colônia de São Lourenço, situada na Serra dos Tapes, e fundada oficialmente no dia 18 de janeiro de 1858. Foi um empreendimento particular de Jacob Rheingantz

(1813-1877). Após a sua morte, seus sucessores criaram a Colônia Arroio Grande, em 1881, e a Colônia Progresso, em 1891. Na região serrana de Pelotas, além das colônias idealizadas por Rheingantz, constituíram-se outras, também de iniciativa privada. Foram empreitadas desenvolvidas por estancieiros, charqueadores e comerciantes pelotenses, interessados no lucro econômico que a região da serra poderia lhes oferecer. Uma firma que se destacou nesse negócio foi a cervejaria *Carlos Ritter & Irmão*, que faz parte deste estudo, e que em 1900 fundou a Colônia Santa Rita, a Colônia Visconde da Graça e a Colônia Ritter. A partir da segunda metade do século XIX, a presença teuta em Pelotas não se restringia apenas à agricultura, mas também às fábricas implantadas no espaço urbano da cidade. A *Cervejaria Ritter & Irmão*, a fábrica *F. C. Lang & Cia.* e a *Cervejaria Sul Rio-Grandense* deram um grande impulso à economia pelotense da época (GRÜTZMANN, 2008).

3.3. A educação germânica

Os imigrantes alemães que se radicaram na cidade de Pelotas na década de 1840, exerciam profissões ligadas ao comércio e a indústria. Formaram uma pequena burguesia reunida em torno de sociedades culturais e de lazer, “cultivando as raízes de uma cultura genuinamente étnica” (FONSECA, 2007, p. 23). Como já foi pontuado, esses imigrantes davam muito valor à educação dos filhos, devido aos ideais de Martin Lutero e à Reforma protestante. Quando chegaram ao Rio Grande do Sul, traziam a ideia de uma instituição escolar pública, vinculada à religião. Era o modelo de escola que tinham na sua terra natal. Mas, nas novas terras depararam-se com outra realidade. Por esse motivo, fundaram escolas para a educação dos teuto-brasileiros.

O Colégio Alemão de Pelotas, criado pelos imigrantes, objetivava conservar o germanismo⁵, transmitido através da língua alemã. Foi fundado no dia 17 de dezembro de 1898, iniciando suas atividades em janeiro de 1899, na Rua Osório, nº 47. Foi transferido no ano seguinte para Rua Gonçalves Chaves, nº 162. Em 1907, passou a funcionar em endereço definitivo, na Rua Félix da Cunha, nº 763, através

⁵ O germanismo incluía tudo o que poderia ser entendido como étnico, por referência à ideia de origem comum, de ancestralidade, unidos por um passado pioneiro comum que, simbolicamente, representava a unidade étnica (SEYFERT, 1982, p. 3 apud FONSECA, 2007, p.19).

do financiamento da firma *Carlos Ritter & Irmão*. Razão pela qual passou a chamar-se Colégio Carlos Ritter de Pelotas, em homenagem ao seu maior benfeitor, até o seu fechamento em 1942, conforme os dados obtidos por Maria Ângela da Fonseca (2007). A escola foi mantida pela Comunidade Evangélica Alemã, fundada na cidade de Pelotas em 20 de outubro de 1888. A Comunidade Evangélica Alemã teve, entre outros, como presidentes: Francisco Behrendorf (1888-1893 e 1899-1901), Frederico Carlos Lang (1893-1895) e Carlos Ritter (1895-1899), um forte comerciante e dois grandes industriais (SIMON, 1938, p. 2 apud FONSECA, 2007).

Sendo assim, os industriais teuto-brasileiros também contribuíram para a cultura da cidade, ao introduzir suas crenças e seus costumes, que se mesclaram ao cotidiano da comunidade pelotense. Ao patrocinar empreendimentos educativos e religiosos, ou se envolverem em associações beneméritas, se identificaram com a sociedade local. Como exemplo, Leopoldo Haertel foi grande benfeitor da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Por ocasião da comemoração de um ano de seu falecimento, no dia 18 de janeiro de 1931, a diretoria do hospital prestou homenagem ao industrial, inaugurando o seu retrato na galeria de honra da Instituição (Diário Popular, 1931, p. 3).

Conclusão

Essa monografia enfocou a fábrica de velas, sabão e sabonetes *Lang & Cia*, de Frederico Carlos Lang, a *Cervejaria Ritter & Irmão*, de Carlos Ritter, e a *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, de Leopoldo Haertel. Para tanto, o trabalho desenvolveu histórico sintético sobre a imigração e a vida dos três industriais no Novo Mundo, na cidade de Pelotas, onde escolheram radicarem-se os três vultos originados da cultura germânica. Nela, foram abordados os estabelecimentos fabris implantados na cidade, a arquitetura residencial dos proprietários dessas empresas e analisadas formalmente as fábricas e as moradias, como também a Igreja erguida pela Comunidade Evangélica de Pelotas. Hoje, essas edificações integram parte do patrimônio cultural da cidade.

A pesquisa se debruçou sobre a imigração alemã, no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Pelotas, e ressaltou as contribuições dos imigrantes para a cultura pelotense, com os costumes germânicos – na agricultura, no comércio, na indústria, na língua, nas danças e no folclore, na culinária – que fizeram do Rio Grande do Sul um Estado diferente de outras regiões da nação, posto que essa tradição cultural foi incorporada à vida diária dos gaúchos atuais. A investigação ressaltou a religião introduzida na cidade juntamente com a imigração, e a educação desenvolvida através da criação de escolas e de ações beneméritas, nas quais se envolveram os três industriais estudados.

As fábricas fundadas na cidade tiveram grande prestígio junto à comunidade pelotense. Receberam prêmios regionais, nacionais e internacionais. Hoje, grande parte dos três edifícios fabris foi reformada, ou se encontra arruinada, com planos de ser restaurada. Mesmo assim, são exemplos materiais que registram a industrialização da cidade na época, e o envolvimento dos imigrantes alemães com o desenvolvimento econômico e cultural de Pelotas.

Nesse sentido, a Universidade Federal de Pelotas adquiriu e preserva a Vila Augusta, de Carlos Ritter, cujo prédio abriga parte da Faculdade de Medicina e as ruínas da *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, de Leopoldo Haertel, que estão sendo adaptadas para um espaço de cultura. Assim como o Instituto Federal do Sul também adquiriu e preserva alguns prédios da fábrica Lang, de Frederico Carlos Lang.

Dessa forma, esses exemplos materiais de um tempo pretérito, são preservados, e fazem parte do patrimônio arquitetônico da cidade – industrial, residencial e religioso. Estes se somam aos bens intangíveis introduzidos pelos imigrantes alemães no cotidiano pelotense, que ampliaram a cultura local.

REFERÊNCIAS E FONTES CONSULTADAS

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX. Pelotas: Ed. UFPel, 2000.

CALDAS, Karen Velleda. **Contrapontos entre teoria e prática da conservação/restauração do patrimônio histórico edificado**: o caso do Grande Hotel de Pelotas. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, 2013.

CAVALCANTI, Carlos. **História das Artes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CHADYCH, Danielle. **Paris**: a história de uma grande cidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2006.

COSTA, Alfredo da . **O Rio Grande do Sul**: completo estudo sobre o estado. Pelotas, 1922.

CUNHA, Alberto Coelho da. **Notícia Descritiva de Fábricas de Pelotas**. Manuscrito, 1911.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FONSECA, Maria Ângela Peter da. **Estratégias para a preservação do germanismo (Deutschtum)**: gênese e trajetória de um collegio teutobrasileiro urbano em Pelotas (1898-1942). Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, 2007.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. UFPel/Mundial, 2011.

GRÜTZMANN, I; DREHER, M. N.; FELDENS, J. A. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos/Unisinos, 2008.

KÜHL, Beatriz Mugaygar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização**: problemas teóricos de restauro. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

LOPES, Luiz Roberto. **História do Brasil Imperial**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Ed. UFPel/Mundial, 1993.

_____. Carta de Nizhny Tagil Sobre Patrimônio Industrial. Disponível em: www.icomos.org.br, acesso em 16/07/2013.

OLIVEIRA, Ana Lúcia et al. Dossiê: **A chaminé, a fábrica e as moradas de Frederico Carlos Lang**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFPel, 2002.

OSÓRIO, Fernando Luis. **A Cidade de Pelotas**. Porto Alegre: Globo, 1962.

PEIXOTO, Luciana da Silva e C ERQUEIRA, Fábio Vergara. **Salvamento Arqueológico do Centro Histórico de Pelotas RS/Brasil** (Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da SAB/SUL). Rio Grande, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: Agropecuária colonial & industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

PISCHEL, Gina. **História Universal da Arte**. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RIEGL, Aloïs. **El culto moderno a los monumentos**. Madri: Visor, 1987.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - Área de Conservação e Restauro) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, 2007.

JORNAIS E REVISTAS

Almanach de Pelotas. 1913 (pp.101, 103 e 105). Online, acesso em 15 de mar. 2013. Disponível em: www.ufpel.edu.br/iad/memoriagraficadepelotas

Almanach de Pelotas. 1915 (pp. 197, 199, 200, 201 e 203).

Revista do 1º Centenário de Pelotas – Publicação auxiliar para a comemoração projetada pela Biblioteca Pública Pelotense. Pelotas, 1912, fascículo nº 5, (pp. 72 e 73)

Diário Popular, Edição Centenária. Pelotas, 1990.

Diário Popular. Pelotas, 1931.